

O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NO MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE IDEIAS I

Fábio Toshio Iijima

Graduando em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

A distinção entre fato e essência, tal como é elaborada no livro *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (1913) de Husserl, gera uma dificuldade importante para seu método: como fazer então a passagem do primeiro para a segunda? É nesse plano que pretendemos situar a ideia de imaginação: se e como ela torna possível algo como uma ‘apreensão’ de essências.

Palavras-chave: Husserl; imaginação; método fenomenológico; essência; fato.

ABSTRACT

The scission between fact and essence in *Ideias for a pure phenomenology and for a phenomenological philosophy* (1913) by Husserl, generates a important difficult for your method: how can be possible the passage of facts to the essences? It's in this conceptual plane that we want to situate the idea of imagination: answer if and how she makes possible something like a apprehension of essences.

Keywords: Husserl; imagination; phenomenological method; essence; fact.

Num livro em que a fenomenologia é apresentada como ciência, o *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica I*, podemos encontrar uma passagem que é, no mínimo, digna de nota : “a ‘ficção’ constitui o elemento vital da fenomenologia, [...] a ficção é a fonte da qual o conhecimento das ‘verdades eternas’ tira seu alimento.” (HUSSERL, 2006, p. 154). Para o leitor que tome essa passagem isoladamente, uma pergunta natural seria: como pode a imaginação (no sentido geral de aquilo que produz ficção), que tomamos geralmente como algo que se opõe ao rigor necessário das ciências, ter o papel central num projeto que pretende fundar a própria ciência? Isto não seria um contrasenso?

O objetivo desta dissertação será responder essa questão com um ‘não’. Para tanto, pretendo mostrar qual o papel da imaginação no método fenomenológico no *Ideias I* e como ela realiza esse papel. Caso estes dois problemas sejam respondidos, talvez a centralidade da imaginação na fenomenologia apareça como menos ‘problemática’ aos olhos daquele leitor.

Com o intuito de realizar estas duas tarefas, dividi meu texto em duas partes, uma para cada problema. Na primeira parte, quero apresentar o que são fato e essência e qual é a relação entre estes dois elementos, por meio de uma análise de alguns parágrafos do primeiro capítulo do *Ideias I*. A partir dos resultados obtidos, pretendo poder indicar a necessidade de

um agente que torne possível a apreensão das essências. Estará aqui o papel da imaginação (assim, respondo ao primeiro problema). A segunda parte, por outro lado, está dividida em duas subpartes. Primeiramente, começo afastando algumas possíveis confusões sobre como procede a imaginação na realização de seu papel. Por fim, analisarei um processo chamado variação eidética, no qual ela, a imaginação, tem um papel central. Com isto, o modo como ela cumpre seu papel indicado na parte um desta dissertação será, acredito, explicitado.

Antes de passar para a próxima parte, gostaria de fazer uma observação de ordem técnica. Grosso modo, o método fenomenológico no *Ideias I* se compõe pela combinação entre o processo de intuição de essência e a redução fenomenológica. Contudo, vou me focar especificamente nesse primeiro processo (a intuição de essência), ou seja, não é o meu objetivo apresentar a totalidade do método fenomenológico, mas apenas alguns de seus detalhes, mais precisamente aqueles que se refiram à imaginação de modo mais direto.

Primeira parte: Fato e essência

Já no primeiro parágrafo de *Ideias I*, Husserl apresenta o que ele entende por ‘fato’, por meio de uma explicitação do modo de investigação das ciências empíricas. Como exemplos desse tipo de ciência, o autor aponta para a física, a biologia, a psicologia, a fisiologia, etc. Além destas ciências psicofísicas e da natureza, Husserl indica também as do espírito, como a história, as disciplinas sociológicas etc.

Sobre esse tipo de ciência, dizíamos, Husserl começa afirmando que elas estão numa “orientação teórica que chamamos ‘natural’” (HUSSERL, 2006 p.33), onde para o cientista “há uma coincidência dos conceitos ‘ser verdadeiro’, ‘ser efetivo’, isto é, ser real e – como todo real se congrega na unidade do mundo – ‘ser no mundo’” (HUSSERL, 2006, p. 33). Em outras palavras, o cientista empírico acredita que tudo aquilo que deve ser teorizado por ele é o mundo, ou seja, uma realidade tomada como existente (efetiva), como fato ¹. Antes de prosseguir com a explicitação das ciências empíricas por Husserl, acho importante delinear um pouco melhor o significado desse ‘tomar como existente’. Para isto, gostaria de citar e comentar um exemplo que Husserl dá no parágrafo 6:

“A proposição ‘todos os corpos são pesados’ não põe, certamente, nenhuma coisa determinada como existente no todo da natureza. [...] ela ainda

¹ Para Husserl, fato e aquilo que é posto como existente real são sinônimos.

continua implicando sempre uma posição de existência da própria natureza, da efetividade espaço temporal: todos os corpos – *na natureza*, todos os corpos ‘efetivos’ – são pesados”(HUSSERL, 2006, p. 41).

Sobre este pequeno trecho, gostaria de destacar apenas um ponto. Acho importante notar que ‘pôr algo como existente’ não significa exatamente, para Husserl, crer na existência real de alguma coisa. Dito de outro modo, alguém que ‘acredita em Deus’(no sentido que usualmente damos à expressão, sentido puramente abstrato) não põe, em termos husserlianos, Deus como ente real. O sentido daquela expressão de Husserl é, acredito, tomar em consideração uma determinada coisa espaço-temporalmente. Nesse sentido, aquela proposição analisada por Husserl acima citada põe o sujeito “todos os corpos” como existente porque ela pressupõe algumas condições sobre as quais esses “corpos” estão inseridos, como, por exemplo, a ação de forças sobre eles (gravidade etc.), o que quer dizer que estão localizados num tempo e num espaço.

Explicitada a orientação teórica dos cientistas empíricos como esse ‘pôr como existente’, duas consequências são tiradas por Husserl. A primeira é a de que a “fonte originária da fundação que atesta a legitimidade” (HUSSERL, 2006, p. 33) de todos os seus conhecimentos serão os atos da percepção sensível² (entendida, segundo Husserl, em seu sentido habitual), pois são os atos da percepção que “põem o real individualmente, [...] o põem como espaço-temporalmente existente” (HUSSERL, 2006, p. 34). Em outras palavras: o conhecimento precisa corresponder aos dados da nossa experiência sensível para ter validade teórica. Além desta primeira, temos uma outra: a contingência do algo posto como existente, do fato. Dito de outro modo: ao colocar, por exemplo, esta cadeira como existente, eu não só afirmo que ela existe exatamente nesse tempo ‘x’ e nesse espaço ‘y’, mas também que ela poderia estar, da mesma maneira, em qualquer outro momento e em qualquer outro lugar. Numa palavra: os fatos têm a característica necessária de serem contingentes³. Tomando em consideração estas duas consequências e mais a caracterização do conceito de ‘pôr em existência’, acredito que o que Husserl compreende por fato esteja mais claro (e, por conseguinte, a maneira como o autor entende as ciências empíricas).

² Como veremos mais adiante (na parte dois deste trabalho), o que está por trás da obtenção de qualquer conhecimento científico, para Husserl, é sempre uma intuição. Nesse sentido, a percepção por si só não dá conhecimentos: ela, antes, torna possível intuições sensíveis.

³ Vale sempre lembrar: Husserl não afirma aqui um tipo de falta rigor nessas ciências sobre os fatos, mas somente a contingência da própria facticidade.

Em contraste com estes conhecimentos sobre fatos, aqueles que fazem juízos verdadeiros sobre o que Husserl chama de ‘essência’ (ou seja, proposições eidéticas verdadeiras) não colocam nada como existente: é este, pois, o ponto principal que distingue juízos eidéticos dos fáticos (sobre fatos). Acompanhemos mais de perto esses do primeiro tipo.

A matemática e a lógica pura, por exemplo, trabalham com um tipo de essência, as chamadas ‘essências formais’. De certo modo, o que essas ciências fazem, segundo Husserl, é suprir tanto ciências fáticas, quanto eidéticas, de princípios últimos, isto é, de leis que não podem ser transgredidas pois são elas que garantem a própria objetividade dos juízos. O conhecido princípio da não-contradição, um exemplo de juízo de essência formal, ao não se referir a um objeto particular e a sua posição de efetividade num espaço e num tempo, possuirá sempre o caráter de total universalidade e de total necessidade.

No entanto, as essências formais não esgotam a totalidade das essências: há ainda um outro tipo, que é aquele que é trabalhado pela fenomenologia (e pela geometria). Numa passagem do parágrafo seis do capítulo 1, Husserl nos dá um exemplo de um conhecimento sobre esse outro tipo de essência, o tipo essência material:

“[...] a proposição ‘todas as coisas materiais são extensas’ tem validade eidética e pode ser entendida como proposição eidética pura, desde que se põe fora de circuito a tese de existência efetuada por parte do sujeito. Ela enuncia aquilo que se funda puramente na essência de uma coisa material e na essência da extensão, e que podemos trazer à evidência como validade geral ‘incondicionada’” (HUSSERL, 2006, p. 41).

Desta passagem e sobre as essências materiais, gostaria de destacar dois pontos. Primeiro, é importante notar que as essências materiais, em geral, são aquilo que é o ‘em comum necessário’ de um determinado gênero de objeto. Esse ‘em comum’ deve ser acompanhado desse ‘necessário’ por dois motivos, que são interligados. Primeiro, porque, como vimos acima, essências nunca pressupõem posições de existência. Em segundo lugar – e é por isto que as essências materiais não põem existência –, porque elas são as próprias condição de possibilidade de apreensão dos seus objetos individuais correspondentes: as essências materiais são, como afirma Barbaras, “a condição necessária de possibilidade de certas determinações” (BARBARAS, 2008, p. 40)⁴ do próprio objeto empírico. Não podemos,

⁴ “Notons tout de suite que l’essence n’est pas définie seulement comme quiddité, ce que la chose est (son *quid*), mais comme la condition nécessaire de possibilité de certaines déterminations: c’est ce sans quoi tels contenus disparaîtraient (par exemple la couleur d’une chose si on supprimait son étendue)”.

por exemplo, apreender e pensar um fato sem pressupor a sua contingência: os fatos dependem das essências, na medida em que todas as características do ‘em comum’ de um gênero de essência devam aparecer nos objetos (fatos) correspondentes. A partir desta caracterização geral das essências materiais, o outro ponto que gostaria de destacar é o seguinte: essa passagem pressupõe um passo duvidoso, qual seja, a possibilidade de acesso a esse algo como um ‘comum’ de todas as coisas materiais (serem extensas). Em outros termos, ela pressupõe que seja possível um acesso à essência ‘coisa material em geral’. Se a possibilidade de acesso das essências do tipo formal são atestadas pela própria atividade da matemática, como Husserl nos prova a possibilidade de acesso das desse tipo material? Em outras palavras: a matemática é uma prova concreta da capacidade de produzir conhecimentos sobre as essências formais, seus conhecimentos rigorosos sobre essências formais são evidentes para os olhos de qualquer um. Mas, por outro lado, o que assegura a possibilidade de acesso a uma essência do tipo material?⁵

Sobre este ponto, Husserl nos dá um argumento⁶, que eu gostaria de reproduzir, apesar de já implícito na exposição acima. Primeiro, como vimos, deve-se reconhecer que os fatos são contingentes. Por conseguinte, a afirmação desta contingência não é contingente, mas já pressupõe uma espécie de apreensão de uma característica geral dos fatos. Assim, deve-se reconhecer que se o domínio dos fatos é contingente, então o reconhecimento da necessidade desta contingência não pode ser afirmada no domínio dos próprios fatos. Portanto, estamos aqui diante da necessidade das essências materiais. Mas, talvez, uma crítica a este argumento mereça ser levantada.

A crítica diz respeito ao estatuto deste ‘em geral’ dos fatos pressuposto pelas essências. Se o que caracteriza as essências é a total universalidade originada pela total ausência de posição de existência, o que me garante que esse ‘em geral’ das essências materiais não seja ele mesmo contingente? É certo que no argumento há apenas um exemplo bem específico de uma essência material, a dos fatos, que é um conceito construído cuidadosamente pelo filósofo. Mas, por exemplo, o que me garante que eu não apreenda a essência, esta mais específica, ‘som em geral’ com características arbitrárias (ou seja, que não

⁵ É certo que, para Husserl, o escopo da geometria são as essências materiais, e, nesse sentido, a efetividade da atividade dos geômetras já prova a possibilidade de um acesso a esse tipo de essência. Contudo, acho importante colocar mesmo assim esta questão porque a essência ‘som’, por exemplo, não está contida no âmbito geométrico, e, por isso, talvez mereça um argumento mais forte.

⁶ Este argumento está presente no parágrafo 2 do capítulo 1 do *Ideias I*

são condições de possibilidade do objeto empírico e, portanto, que pressupõem posição de existência)? Dito de outro modo: posso, no decorrer da minha vida, conhecer diversos sons e formar uma ideia do que seja ‘som em geral’, mas nada impede que, no futuro, uma experiência de uma nova sensação de ‘som’ contradiga a minha antiga ideia de ‘som em geral’, mostrando que ela não era necessária. Dito ainda de outra maneira: como se pode passar das apreensões dos fatos para as apreensões dessas essências? Qual o elemento que torna possível essa passagem?

É este, acredito, o papel da imaginação no método fenomenológico do Husserl. Nos termos husserlianos, é a imaginação que permite a passagem da intuição dos fatos para a de essências. O que nos caberá na próxima parte desta dissertação será, agora, delimitar esse conceito de imaginação e mostrar de que modo ela consegue operar essa passagem entre estes dois tipos de intuição.

Segunda parte: A imaginação e o processo da variação imaginativa

Antes de mais nada, acho importante notar que a ‘fundação’ desse universal, pela imaginação, não significa que basta imaginar para conhecer as essências. Essa é uma possível confusão do papel da imaginação: ela, no método do Husserl, não dá por si só os conhecimentos, as ‘explicações’. O centauro, o qual podemos imaginar, por exemplo, não nos dá nenhum tipo de conhecimento universal. Ele é somente um “produto do espírito [...], não é, naturalmente, nada de psíquico, não existe, nem na alma, nem na consciência, nem onde quer que seja, ele não é ‘nada’, é única e exclusivamente ‘imaginação’; dito com mais precisão: o vivido-de-imaginação é vivido de um centauro” (HUSSERL, 2006, p.68). Quer dizer, a imaginação pode até vir a ser um elemento vital para o conhecimento eidético, mas ela não representa a totalidade daquilo que o suporta.

Antes, aquilo que está por trás de toda validade e rigor científicos são sempre, para Husserl, intuições. É esse, segundo o autor, o ‘princípio dos princípios’, que é ele mesmo atestado por uma intuição (isto é, ele se auto-legitima). Como ele afirma, “toda intuição doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, tudo que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (por assim dizer, em sua efetividade de carne e osso) deve ser simplesmente tomado tal como ele se dá, mas também apenas nos limites dentro dos quais ele se dá” (HUSSERL, 2006, p. 69)¹. Nesse sentido, intuição de essência é um análogo da

intuição sensível (no sentido que tentei dar a esta expressão na minha nota três, de modo muito grosseiro, é verdade), e não da imaginação, mesmo que esta, como afirmamos, seja aquilo que a torne possível. Mas, se é assim, qual é então o papel da imaginação na apreensão de essências e, portanto, no método fenomenológico do *Ideias I*?

Acredito que podemos encontrar esta resposta numa análise do processo de variação eidética, que é reconhecido por Barbaras como aquilo que abarca a totalidade do ato de se apreender essências (BARBARAS, 2008, p. 41)⁷. Se conseguirmos mostrar o modo como a imaginação atua nesse método e a possibilidade desta atuação, creio que o segundo problema perseguido por esta dissertação seja respondido. Para tanto, esse processo, na minha apresentação, foi dividido em duas etapas.

A primeira etapa é a “produção de uma multiplicidade de variantes”, e é aqui que podemos localizar a atividade da imaginação. Primeiramente, toma-se um objeto fático como modelo. A partir desse modelo, imagina-se uma infinidade aberta de outros indivíduos, ou seja, variamos o indivíduo para formar inúmeros outros indivíduos. No entanto, é necessário distinguir esse ‘variar’ de uma simples ‘alteração’. Segundo Barbaras, na alteração “um mesmo indivíduo dado se transforma dentro de uma duração” (BARBARAS, 2008, p.41)⁸, portanto, dentro do plano do fato. Quer dizer, variar não é alterar, mas ‘criar’ novos indivíduos que talvez nem tenham sido dados na nossa experiência sensível. A imaginação é importante aqui porque pode nos doar vividos mesmo que não tenhamos vivido esses objetos na experiência sensível.

Muito próxima (porque essa segunda capacidade pressupõe aquela primeira) dessa capacidade de prescindir dos dados da experiência está a capacidade da imaginação de fazer doar objetos indefinidamente. No parágrafo setenta do *Ideias I*, Husserl nos mostra mais precisamente o que é esta capacidade por meio de uma descrição da atividade dos geômetras: “na imaginação ele [o geômetra] tem a liberdade inigualável de reconfigurar como quiser as figuras fictícias, de percorrer as formas possíveis em contínuas modificações e, portanto, de gerar um sem-número de construções” (HUSSERL, 2006, p. 153). Quer dizer, o geômetra não precisa perceber sensivelmente todas as possibilidades de uma figura geométrica como, por exemplo, do triângulo: de alguma maneira, ele mesmo pode construir, pela imaginação, os

⁷ “Comment, dès lors, l’essence est-elle précisément obtenue à partir de l’individu? Par la méthode dite de *variation*.”

⁸ “Un même individu donné se transforme dans la durée”.

triângulos possíveis que o interessam. Esse exemplo da geometria é importante não só porque mostra aquela ligação entre as duas capacidades da imaginação, mas também porque atesta concretamente a possibilidade desses poderes da imaginação, isto é, estes não são postos arbitrariamente por Husserl.

Na outra etapa do processo de variação, o que se dá é uma apreensão daquilo que é comum nessa multiplicidade de inúmeras variações imaginadas na primeira parte. Em outras palavras, aqueles modelos imaginados são tomados numa unidade. Unidade que, de certo modo, já está preconstituída pelo modelo inicial, isto é, o fato de todas as variações serem variações de um mesmo indivíduo faz aparecer uma unidade nas variantes. É sobre isto que Barbaras chama a atenção quando diz que “o eidos [a essência] é aqui preconstituído passivamente e a intuição do eidos repousará sobre a apreensão ativa disso que já está preconstituído” (BARBARAS, 2008, p. 42)⁹.

Assim, o que resta, para se chegar às essências – necessárias, já que foram baseadas numa variação imaginativa, isto é, inúmeros casos possíveis foram tomados em consideração para se chegar a essas essências, e não somente alguns poucos indivíduos isolados – é a própria atividade da intuição de essência sobre a unidade criada pelas inúmeras diferentes imaginações, o que nunca “é possível sem a livre possibilidade de voltar o olhar para um algo individual ‘correspondente’ e de formar uma consciência exemplar” (HUSSERL, 2006, p. 37). Individual que é originado em sua forma mais pura pela atividade processual da imaginação.

Conclusão

Gostaria de, por fim, sintetizar aqui os resultados de nossa exposição. Como vimos na parte um, o conhecimento empírico pressupõe uma posição de existência, ao passo que o eidético, não. A percepção, modo privilegiado de atestação das ciências empíricas, faz aparecer indivíduos num espaço e num tempo. Nesse sentido, é necessário algum outro tipo de doação dos objetos para tornar possível uma intuição de essência, porque mesmo se tomarmos vários objetos dados sensivelmente, teremos sempre a possibilidade de

⁹ “L'eidos est ici *preconstitué* passivement et l'intuition de l' *eidos* reposera sur la saisie active de ce qui est ainsi préconstitué”.

experimentarmos uma sensação nova que desminta esse suposto conhecimento sobre alguma essência.

Na parte dois, vimos a capacidade infinita da imaginação de gerar variantes de um modelo de indivíduo, que pode ser independente de qualquer dado sensível. Assim, essa infinidade de variantes, que transcende o estatuto de individualidade (marco do modo como a percepção nos dá objetos), faz com que haja uma doação de uma infinidade de objetos, tornando possíveis intuições de essência – e não uma abstração arbitrária de objetos empíricos.

Em resumo, porque é elemento central no suporte à própria intuição de essências, a imaginação é um elemento vital para a fenomenologia (assim como para todas as ciências eidéticas). Tomando isto em consideração, acredito que esse papel central da imaginação não caia mais “como uma luva para o escárnio naturalista do modo de conhecimento eidético” (HUSSERL, 2006, p. 154, nota 41).

Referências Bibliográficas

BARBARAS, R. *Introduction à la philosophie de Husserl*. Chatou: La Transparence, 2008.

ELLIOT, B. *Phenomenology and imagination in Husserl and Heidegger*. New York: Routledge, 2005.

HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura*. 3ª ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

SACRINI, M. “O projeto fenomenológico de fundação das ciências”. *Scientiae studia*, São Paulo, vol.7, no. 4, out/dez., 2009. Disponível:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662009000400003&script=sci_arttext